



Dossiê: Literatura Indígena: teoria, prática e ensino

## DISCURSIVIDADE PÓS-COLONIAL E A ESCRITA LITERÁRIA DE YTANAJÉ CARDOSO EM CANUMÃ: A TRAVESSIA

### POSTCOLONIAL DISCOURSE AND THE LITERARY WRITING OF YTANAJÉ CARDOSO IN CANUMÃ: A TRAVESSIA

Alexandre Lira Sá<sup>1</sup>

ROR Universidade do Estado do Amazonas

als.mla22@uea.edu.br



**RESUMO:** Ytanajé Coelho Cardoso é um escritor indígena descendente dos Munduruku, autor do romance Canumã: a travessia, publicado em 2019. Nessa obra são narradas histórias e vivências de um povo tradicional munduruku que se encontra em uma região banhada pelo rio Canumã, situado no estado do Amazonas. A indicação do termo travessia sugere um olhar acerca das transformações que afligem as raízes tradicionais de uma comunidade indígena. Assim, a construção dessa narrativa conscientiza acerca da preservação do legado cultural indígena, buscando, sobretudo, manter viva a língua e as memórias de um povo historicamente negligenciado e silenciado. Dito isso, apresentamos uma análise a partir da leitura do romance de Ytanajé Cardoso à luz do discurso pós-colonial. Considerando o que diz Ana Mafalda Leite (2020), o pós-colonialismo inclui estratégias discursivas e performativas que frustram a visão de ordem colonial. Ou seja, trata-se de uma prática que vai na contramão dos discursos dominantes. Ao pensar sobre o lugar dos Povos Originários na história, Pachamama (2020) destaca a construção de sua invisibilidade enquanto sujeitos históricos e ressalta o protagonismo pulsante desses povos. A historiografia apresenta um discurso excludente, uma visão limitada acerca dos povos da floresta. A escrita de Ytanajé Cardoso representa, desse modo, uma posição contrária aos estigmas e visões equivocadas enraizadas em nossa sociedade. Assim, a construção de um texto narrativo de autoria indígena, sobretudo um romance que ainda é pouco explorado no cenário da literatura indígena amazonense, é um ato político e percorre um caminho de reconstrução e de conhecimento.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura indígena amazonense; Canumã; Discurso pós-colonial; Reescrita; Oralidade.

**ABSTRACT:** Ytanajé Coelho Cardoso is an indigenous writer of Munduruku descent, author of the novel Canumã: a travessia, published in 2019. The novel tells the stories and experiences of a traditional Munduruku people who live in a region bathed by the Canumã River, located in the state of Amazonas. The term crossing suggests a look at the transformations that afflict the traditional roots of an indigenous community. Thus, the construction of this narrative raises awareness about the preservation of the indigenous cultural legacy, seeking, above all, to keep alive the language and memories of a historically neglected and silenced people. That said, we present an analysis based on a reading of Ytanajé Cardoso's novel in the light of postcolonial discourse. According to Ana Mafalda Leite (2020), postcolonialism includes discursive and performative strategies that frustrate the colonial vision of order. In other words, it is a practice that goes against dominant discourses. When thinking about the place of Original Peoples in history, Pachamama (2020) highlights the construction of their invisibility as historical subjects and emphasizes the pulsating protagonism of these peoples. Historiography presents an exclusionary discourse, a limited view of the peoples of the forest. Ytanajé Cardoso's writing thus represents a position that goes against the stigmas and mistaken views rooted in our society. Thus, the construction of a narrative text by an indigenous author, especially a novel that is still little explored in the Amazon indigenous literature scene, is a political act and follows a path of reconstruction and knowledge.

**KEYWORDS:** Amazon indigenous literature; Canumã; Postcolonial discourse; Rewriting; Orality.

REVISTA  
**Decifrar**

(ISSN: 2318-2229)

Vol. 13, Nº. 26 (Jan-Jun/2025)

#### Informações sobre os autores:

1 Possui graduação em Letras pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Mestrado em Letras e Artes (PPGLA/UEA). Membro do Grupo de Estudo e Pesquisa em Estudos Comparados, Crítica e Africanidades (GEPECCA).



10.29281/rd.v13i26.17233

#### Fluxo de trabalho

Recebido: 01/12/2024

Aceito: 19/05/2025

Publicado: 02/07/2025

Editora da Universidade Federal do Amazonas (EDUA)

Programa de Pós-Graduação em Letras

Faculdade de Letras

Grupo de Estudos e Pesquisas em Literaturas de Língua Portuguesa (GEPELIP)



Este trabalho está licenciado sob uma licença:



Verificador de Plágio

Plagius



## INTRODUÇÃO

Em *Canumã: a travessia*, Ytanajé Cardoso salienta os costumes e tradições do grupo étnico munduruku, sobretudo as relações entre os parentes da comunidade, suas histórias, crenças e saberes. Há uma certa inquietação na escrita de Ytanajé ao perceber os reflexos da modernidade, atentando-se, principalmente, para as mudanças no meio social indígena. Nesse percurso traçado pelo autor, há uma tentativa de (re) afirmação da identidade indígena, discurso esse que visa ressaltar o passado histórico e cultural dos mundurukus.

Ao escrever esse romance, Ytanajé fala que há uma preocupação em se mostrar uma face da realidade do povo Munduruku. Reforça que a literatura tem um alcance muito grande e, por isso, através dela, busca difundir a cultura ao qual pertence, discutindo os problemas enfrenta dos nesse espaço e outras situações que fazem parte dessa realidade (Pereira; Sá; Alves, 2022, p. 39).

Atentamos, nesse sentido, para uma análise de ordem pós-colonial em que se busca refletir criticamente no romance a trajetória de um povo historicamente silenciado e resistente. A ideia do pós-colonial analisada a partir de um romance indígena visa estabelecer um diálogo entre a teoria e a escrita literária de um autor indígena. Considerando o que diz Ana Mafalda Leite (2020, p. 129-130) sobre a questão do discurso pós-colonial, podemos entender que este inclui

todas as estratégias discursivas e performativas (criativas, críticas e teóricas) que frustram a visão colonial, incluindo, obviamente, a época colonial; o termo é passível de englobar, além dos escritos provenientes das ex-colônias da Europa, o conjunto de práticas discursivas, em que predomina a resistência às ideologias colonialistas, implicando um alargamento do corpus, capaz de incluir outra textualidade que não apenas das literaturas emergentes, como o caso de textos literários da ex-metrópole, reveladores de sentidos críticos sobre o colonialismo.

Assim, a partir desse entendimento acerca do pós-colonial, o romance de Ytanajé Cardoso se encontra em uma posição oposta aos estigmas e visões deturpadas deixadas pelo colonizador sobre os povos originários. O prefixo “pós” não significa, portanto, uma superação das ações impostas pelo colonizador, uma vez que ainda são constantes as manifestações de preconceitos contra minorias étnicas na atualidade. A leitura do romance é, de modo geral, uma forma de reconhecimento e valorização do legado histórico e cultural do povo munduruku.

## 1 LITERATURA INDÍGENA NO AMAZONAS E MUITA POR (RE) CONHECIMENTO HISTÓRICO E CULTURAL

O escritor indígena tem em sua escrita um compromisso com o lugar de onde fala, seja para exaltar suas raízes, a natureza e sua gente, seja para problematizar questões políticas e sociais de povos marginalizados.

Não podemos esquecer que, desde a chegada do colonizador, a história dos povos originários tem passado por inúmeras tentativas de apagamento, de silenciamento e distorção. Durante muitos séculos a história dos povos originários foi escrita pelo olhar do não indígena, colocando-o na condição de objeto e não de protagonista de sua própria história (Sicsú, 2022, p. 110).

Daí podemos levar em consideração a relevância dos escritores indígenas no cenário das letras no Amazonas. São vozes importantes que precisam ser ouvidas. Ytanajé é uma dessas vozes que fazem ecoar a ancestralidade indígena através da palavra. Em *Canumã* é possível notar o dia a dia de uma comunidade tradicional munduruku e a maneira como veem o mundo e as relações entre os seus iguais.

A escrita de autoria indígena surge a partir de uma manifestação acerca de suas crenças e valores transmitidos de geração a geração através da oralidade. Para Sicsú (2022), a literatura indígena tem sua existência marcada pela oralidade muito antes das histórias que conhecemos hoje serem registradas. “Isso significa dizer que antes da literatura escrita existe outra, presente na oralidade, que resguarda o saber, a memória, ancestralidade, história, lutas e resistência dos povos originários” (Sicsú, 2022, p. 106).

Através da literatura vários autores indígenas como Daniel Munduruku, Yaguarê Yamã, Jaime Diakara, Márcia Kambeba e Ytanajé Cardoso, só para citar alguns deles, têm a possibilidade de propagar suas visões de mundo, seus anseios e dores, seus costumes e modos de viver.

Os direitos dos Povos Indígenas de expressar seu amor à terra, de viver seus costumes, sua organização social, suas línguas, de manifestar suas crenças nunca foram considerados de fato. Mas, a pesar da intromissão de valores dominantes, o jeito de ser e de viver dos povos indígenas vence o tempo: a tradição literária (oral, escrita, individual, coletiva, híbrida, plural) é uma prova dessa resistência (Graúna, 2013, p.15).

Como bem se enfatiza no excerto anterior, resistência é uma palavra que define a trajetória dos povos indígenas desde o processo de colonização aos dias atuais. Hoje, por exemplo, vários autores indígenas lutam por reconhecimento e visibilidade para além da



estética de suas produções literárias, há um posicionamento político e social em se fazer conhecer a cultura e a história de um povo marcado pelo silenciamento.

A escrita “oficial” da nossa história sempre registrou um Brasil fora do Brasil, do lado de fora, olhado de longe, sem valorar a história impregnada nessa terra. Talvez seja ainda lúcido sinalizar que não temos uma história brasileira em nosso currículo, se olharmos por esse ângulo. Na chamada “cultura ocidental”, as histórias sobre os Povos Originários e sua representação são marcadas por invisibilidades, silenciamento, violências físicas e simbólicas (Pachamama, 2020, p. 34).

Dado os registros históricos é notável a ausência da presença indígena como o cerne da nossa história. Os livros didáticos, por exemplo, fomentam a ideia de que Pedro Álvares Cabral “descobriu” o Brasil. Não se trata obviamente de uma descoberta, mas de uma invasão que dizimou milhares de indígenas, impôs-se um sistema de exploração que acabou resultando em lutas e massacres entre o nativo e o branco invasor. A Carta de Pero Vaz de Caminha, por exemplo, intensificou essa ideia de dominação sobre o indígena, retratando-o como inferior e ignorante, desprovido, assim, de cultura.

Ao pensar sobre o lugar dos Povos Originários na história, Pachamama (2020) destaca a construção de sua invisibilidade enquanto sujeitos históricos e ressalta o protagonismo pulsante desses povos: “defendemos o quanto é necessário que a história da (o) originária (o) seja por ela/ele escrita” (Pachamama, 2020, p. 26). Acrescenta ainda que a história dita “oficial” apresenta um discurso excludente, uma visão limitada acerca dos povos da floresta.

Em suma, há uma tendência na historiografia de seguir uma postura excludente perceptível: o “ofício do historiador” (dos “cientistas”, “filósofos”, “sociólogos”) é um ofício de homens, que escreveram a história no masculino, patriarcal e colonizador. Os Povos Originários, por muito tempo, foram “objeto” de estudo; tornou-se lugar comum escrever sobre os indígenas, mas nunca com eles, ou mesmos sendo eles os próprios autores (Pachamama, 2020, p. 27).

Sob esse ponto de vista, em *Canumã*, Ytanajé Cardoso descreve uma preocupação que toma conta da personagem Maria ao perceber que as crianças e os jovens da aldeia não se mostram interessados em questionar os mais velhos sobre as histórias de seus antepassados: “[...] Quando o último velho morrer, as histórias vão ser esquecidas, por isso é bom vocês perguntar” (Cardoso, 2019, p. 14), assim alertava Maria aos filhos enquanto contava uma história.

As vozes que ressoam em textos narrativos de autoria indígena expressam saberes, vivências e tradições que outrora foram silenciadas e desprezadas pela historiografia.



Dessa forma, conforme aponta Carvalho (2021, p. 388), “os escritores engajados nesse movimento se comprometeram com o resgate das memórias dos antepassados e, por isso, buscaram representar os laços de afeição e afetividade que mantêm com o universo de suas culturas e comunidades de origem”. Essa atitude mostra que autores indígenas estão cada vez mais comprometidos com os seus povos através da literatura, ora criticando discursos equivocados, ora exaltando suas culturas e tradições.

A publicação de autoras e autores indígenas intenta atravessar “os muros da História oficial” e, com isso, possibilitar que as pessoas entendam que os originários são parte da sociedade, que têm direitos e que podem falar e escrever sobre os temas que desejarem, inclusive e, principalmente, sobre a história do povo do qual fazem parte (Pachamama, 2020, p. 27).

É nesse contexto que Ytanajé Cardoso se revela como um escritor engajado e preocupado com o futuro de seu povo. *Canumã: a travessia* aponta para uma necessidade de se preservar a essência do indígena munduruku, apesar das mudanças que chegaram até a comunidade. Importante destacar que o próprio autor realiza um cruzamento entre sua comunidade e a zona urbana, uma vez que ele sai de seu lugar de origem em busca de novos conhecimentos na cidade. Em determinado momento da narrativa, por exemplo, Maria manifesta o desejo de deslocar seus filhos para a cidade a fim de obter o conhecimento do branco.

Eu sei que se eu não levar meus filhos pra cidade, eles não vão aprender nada aqui, eles não vão poder defender o povo deles. Antes os guerreiros ainda defendiam o povo com o arco e flecha, mas hoje o arco e flecha viraram o caderno e o lápis. Hoje em dia se a gente não conhecer a escola dos *pariwát*, a gente não tem como crescer. Meus filhos precisam estudar na escola do branco pra poder ter o conhecimento do branco [...] (Cardoso, 2019, p. 37).

Assim, a presente narrativa de Ytanajé Cardoso se estabelece como uma força motriz juntamente com outras vozes relevantes que produzem literatura de autoria indígena no Amazonas. A luta por (re) conhecimento histórico e cultural é levada em consideração em cada gesto ou palavra que enalteça o protagonismo indígena na história do Brasil.

## 2 CANUMÃ: A TRAVESSIA EM UMA PERSPECTIVA PÓS-COLONIAL

Ao investigar sobre o sujeito pós-colonial em Frantz Fanon, Coelho (2017) aponta para uma compreensão acerca do homem novo criado no processo de descolonização. Assim, “o pós-colonial, em termos práticos atribuídos a Fanon, seria simplesmente o



monumento inicial da liberdade duramente conquistada, a Independência” (Coelho, 2017, p. 41). Uma vez conquistada a independência, o colonizado não está inteiramente livre das peças armadas pelo colonizador. No processo de descolonização, os discursos dominantes seguem intensos e os ideais eurocêntricos enraizados. O sujeito pós-colonial, por sua vez, firma uma luta na contramão das visões deturpadas operadas pelo colonizador.

Para Fanon (2005, p. 54), “o mundo colonizado é um mundo cortado em dois”, uma vez que há uma divisão entre colonizado e colonizador. Sob a perspectiva pós-colonial, portanto, quando “superado esse sistema, o colonizado assume o protagonismo, passa a ser agente da História” (Coelho, 2017, p. 41). A escrita de Ytanajé Cardoso, desse modo, assume uma postura crítica e reflexiva em relação ao passado colonial em que os povos originários estiveram sob domínio do colonizador europeu. As marcas desse processo são evidentes na atualidade, o que significa que não houve de fato uma superação da colonização.

Em *Canumã*, quando Raçãp pergunta à Maria o nome de um parente bem antigo, ela apresenta uma curiosidade dizendo que não saberia dizer o nome dele porque isso não era comum na época.

- Tu sabe que eu nem sei! Naquela época os munduruku não tinha nome não, eles tinha nome na língua. Eu acho que eles tinha nome de bichos da floresta. Foram os branco que deram nome pros índio.
- Como assim, mamãe? Nome de bicho?!
- É, minha filha. Teu avô, por exemplo, quando ele era pequeno, ele não tinha nome, foi os branco que dero nome pra ele, assim ele contava, ele foi um grande guerreiro, mas não como os antigos, ele é de uma geração mais nova (Cardoso, 2019, p. 14).

Interessante notar essa curiosidade que o autor emprega na narrativa, enfatizando a intervenção do colonizador em terras indígenas, mais precisamente no modo como eles deveriam ser chamados. Hoje, por exemplo, o termo “índio” é um estereótipo muito utilizado para se referir ao indígena, o que acaba manifestando traços de preconceitos enraizados na sociedade. Nota-se também na fala da personagem que “eles tinha nome na língua” (Cardoso, 2019, p. 14), ou seja, até a chegada do homem branco as diferentes línguas dominadas pelos povos originários se encontravam vivas nas falas e nos cantos indígenas.

Rama (2008) atenta para o fato da tradição não se configurar tal como uma ideia ou um sistema, trata-se de um complexo de sugestões espirituais que representam o homem e seu destino inserido numa determinada situação geográfica, cultural e social. Em *Canumã* é possível notar essa realidade na própria relação entre os membros da comunidade e na defesa de seus ideais. Nas palavras de Conte et al (2018, p. 234),



A visão dos povos originários sobre a ideia de tradição estrutura-se de modo circular e contínuo, como se existisse um “contrato” que nunca pode ser cancelado. Por mais que milhares de anos se passem, existe um mecanismo de continuidade que se estabelece independentemente do tempo-espço e se perpetua com as práticas sociais que ligam esses indivíduos nas mais diversas esferas da malha do imaginário, tanto sociais quanto individuais como, p. ex., os rituais coletivos e as manifestações oníricas.

O ato de contar histórias, por exemplo, é uma tradição dos povos originários, uma maneira de manter viva a memória e a ancestralidade indígena. Essas histórias são contadas pelos mais velhos aos filhos e aos netos que, assim, poderão levar adiante uma tradição bem antiga que é a narrativa oral.

Restavam poucas brasas do moquém. O frio fazia o círculo da conversa diminuir seu diâmetro. Nesse caso, refiro-me ao grupo dos jovens: Francisco, Marta, Yan, Naya, entre outros, que ouviam atentamente as histórias dos antigos, contadas por um dos grandes sábios da aldeia e avô de quase todos ali, o ancião Naldá Munduruku. O respeito adquirido ao longo de sua jornada como filho das florestas banhadas pelo poderoso Canumã era notável. Detentor das mais finas lembranças, podia levar qualquer um à própria cena do acontecimento (Cardoso, 2019, pp. 38-39).

A sabedoria popular indígena é muito bem descrita nessa passagem através da figura do ancião Naldá Munduruku. A autoridade que ele representa na aldeia é respeitada, pois todos que param para ouvir suas histórias observam cada detalhe da narrativa e da performance do contador de histórias.

Cada gesto, fala, lugar, guerreiros, até as expressões físicas ele conseguia imitar com maestria. O próprio Naldá vaticinava: há aqueles que se immortalizam na história pela glória alcançada e há aqueles que mantêm essa imortalidade, no caso, os narradores dos grandes feitos do passado. Exímio contador de histórias, percepção extremamente apurada das manifestações a sua volta, um profundo guardador de imagens (Cardoso, 2019, p. 39).

O conhecimento, assim, é passado aos mais jovens por uma voz experiente que guarda diversas memórias acerca de seus antepassados, das lutas e experiências. Quando nos referimos à questão do conhecimento e sua transmissão a partir da oralidade, conforme analisam Macêdo e Chaves (2007, p. 15), “estamos nos marcos de uma forma de acumular e transmitir os conhecimentos sobre a história e os ensinamentos do cotidiano de uma comunidade, que tem como palco privilegiado a memória e como protagonistas os mais



velhos”. As autoras ainda reiteram que a oralidade é tecida a partir dos fios da educação, da arte e das crenças, sendo sob esse aspecto, o hábil tecido que auxilia a continuidade do grupo.

Conhecer a tradição de um povo originário é estar diante da história de povos tradicionais, principalmente daqueles que passaram pela barbárie da colonização desde 1500 e que lutaram em defesa de seus territórios e de seus parentes.

Para Jecupé, a tradição não pode ser quebrada, o que remete à circularidade tanto do processo mental, quanto das práticas sociais. O indivíduo faz parte de um todo, de um conjunto de imagens que significam para este “ser e estar” no mundo, e esse todo, como numa força centrípeta, o leva infinitamente para o centro. Ele pertence não apenas fisicamente, mas espiritualmente a uma comunidade que não se constitui somente materialmente; mas desde uma família intitulada “ancestralidade”, que vive num mundo simultâneo e que, através de sonhos e incorporações, se manifesta, passando mensagens e ensinamentos (Conte et al., 2018, p. 235).

A luta dos povos originários, desse modo, é contínua. Os conflitos não cessaram até então, pois ainda é possível perceber os efeitos do colonialismo em forma de preconceitos e visões eurocêntricas que subestimam a inteligência de um nativo e sua capacidade de ocupar espaços e cargos de prestígio na sociedade.

Para pensarmos a condição do indígena nesse movimento colonial e pós-colonial, vale mencionar certas questões do contexto de autores africanos que também problematizam em suas narrativas as imposições colonialistas em África. Manuel Rui Monteiro (1985), por exemplo, aponta criticamente para uma postura agressiva do colonizador em África no instante em que passa a desmontar estruturas sociais estabelecidas em uma tentativa de “civilizar” nativos de diversas regiões do continente.

Quando chegaste mais velhos contavam estórias. Tudo estava no seu lugar. A água. O som. A luz. Na nossa harmonia. O texto oral. E só era texto não apenas pela fala mas porque havia árvores, parrelas sobre o crepitar de braços da floresta. E era texto porque havia gesto. Texto porque havia dança. Texto porque havia ritual. Texto falado ouvido visto. É certo que podias ter pedido para ouvir e ver as estórias que os mais velhos contavam quando chegaste! Mas não! Preferiste disparar os canhões (Monteiro, 1987, n.p).

Nota-se, assim, uma harmonia em variados âmbitos da vida em África, harmonia essa interrompida com a chegada do colonizador europeu. Nas palavras do autor, “tudo estava no seu lugar”, ou seja, as estruturas sociais, as manifestações culturais e as tradições africanas consolidadas. Assim, podemos pensar também em uma desestruturação social



e marginalização cultural de povos tradicionais indígenas. No texto narrativo de Ytanajé Cardoso, Maria relata um pouco desse processo de “civilização” do povo indígena e os confrontos travados com o colonizador: “Naquela época, logo depois da criação do SPI, viero pra cá muitos padre e freira querendo catequizar os índio, assim conta tua avó, que era criança naqueles tempo. A primeira vez que eles chegaro teve muita matança, muita guerra. Às vezes, os índio enterrava quatro num só buraco [...]” (Cardoso, 2019, p. 14).

Para Macêdo e Chaves (2007, p. 15),

não se pode esquecer que a questão do saber oral em África, não raro suscita paixões, uma questão polêmica. Não são poucas as afirmações, ancoradas em posturas colonialistas, que afirmaram ser o saber oral dispensável, já que não inscreveria o sujeito na História ou ainda que veicularia um saber que não possibilitaria acumulação e transmissão de práticas e saberes ao longo do tempo.

Importante destacar o que as autoras acima comentam, pois se trata de uma crítica muito pertinente que podemos trazer para o contexto indígena. A tradição oral é significativa para esses povos, uma vez que é por intermédio dela que conhecemos diversas histórias que hoje são descritas na literatura. Conforme afirma Munduruku (2012), o estilo indígena seria baseado na oralidade, pois “A letra não faz parte da cultura indígena, os atores dessa cultura se apropriaram dos traços para conseguir entender-se e sobreviver em meio à sociedade envolvente” (Conte et al., 2018, p. 238). A escrita, nesse sentido, assume um papel de sobrevivência e resistência, pois, através das letras o indígena seguirá lutando e inspirando outras vozes para a afirmação cultural dos povos originários.

Retomando Manuel Rui (1987, n.p):

Mas agora sinto vontade de me apoderar do teu canhão, desmontá-lo peça a peça, refazê-lo e disparar não contra o teu texto não na intenção de o liquidar mas para exterminar dele a parte que me agride. Afinal assim identificando-me sempre eu, até posso ajudar-te à busca de uma identidade em que sejas tu quando eu te olho, em vez de seres o outro.

Toma-se, dessa maneira, a arma desse colonizador, nesse caso a escrita, para então confrontar discursos equivocados, romper paradigmas e superar estereótipos. Mais que isso, reescrever a história em que o nativo assume a posição central das narrativas. Em *Canumã*, Ytanajé desempenha papel fundamental ao trazer personagens indígenas para a narrativa, colocando-os em ênfase nas descrições que desenvolve acerca dos mundurukus. A postura de um autor indígena como o Ytanajé ainda diz respeito a uma resistência



pós-colonial. A criação do romance *Canumã* traduz um ponto de vista do colonizado, as facetas de um povo marginalizado historicamente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao pensarmos sobre a questão pós-colonial em *Canumã*: a travessia, de Ytanajé Cardoso, entendemos que as implicações coloniais não foram totalmente extinguidas, pelo contrário, continuam provocando diversas formas de estigmas e preconceitos. A marginalização do indígena começa com a conquista do europeu quando chega à América e encontra povos diversos, tais como os povos originários mencionados e descritos equivocadamente na Carta de Caminha. A perspectiva desse romance aqui analisado é, de certa forma, pós-colonial, em que há uma voz indígena que narra os acontecimentos da história. Há, desse modo, uma força que se mostra através das letras e da própria linguagem do artista.

Conte et al (2018, p. 232) afirmam que a literatura produzida por indígenas “questiona o descaso e desconhecimento da Academia, não só faz olhar criticamente para o Cânone, bem como pretende (re) conhecer outras formas de ‘ler esses sujeitos e coletivos, agora, pela fonte que outrora foi estigmatizada”. É dessa maneira que enxergamos o romance de Ytanajé Cardoso, como um ato de resistência e de contestação às posturas políticas e sociais predominantes na sociedade.

## REFERÊNCIAS

CARVALHO, Fábio. de. Literatura indígena. In: JOBIM, J. L.; ARAÚJO, N.; SASSE, P. P. (Orgs.). **(Novas) palavras da crítica**. Rio de Janeiro, RJ: Edições Makunaíma, 2021.

CARDOSO, Ytanajé. **Canumã: a travessia**. Manaus: Editora Valer, 2019.

COELHO, Bruno Henrique. Uma breve investigação sobre o sujeito pós-colonial em Frantz Fanon. In PEREIRA, M. P. T. et al (Orgs.). **Pós-colonialismo e literatura: questões identitárias nos países africanos de língua oficial portuguesa**. Macapá: UNIFAP, 2017.

CONTE, Daniel; LOPES, Nádia da Luz; TETTAMANZY, Ana Lúcia. A escrita indígena como flecha: a fala ancestral no pós-colonialismo. In **Rev. FSA**, Teresina PI, v. 15, n. 4, pp. 228-245, 2018.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Tradução: Enilce Albergaria Rocha e Lucy Magalhães. Juiz de Fora, UFJF, 2005.

GRAÚNA, Graça. **Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza, 2013.



LEITE, Ana Mafalda. **Oralidades & escritas pós-coloniais: estudos sobre literaturas africanas.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2020.

MACÊDO, Tania.; CHAVES, Rita. **Literaturas de Língua Portuguesa: marcos e marcas – Angola.** São Paulo: Arte & Ciência, 2007.

MONTEIRO, Manuel Rui. Eu e o Outro – o invasor. In MEDINA, C. **Sonha, Mamana África.** São Paulo, Epopeia, 1987.

MUNDURUKU, Daniel. **O caráter educativo do movimento indígena brasileiro (1970-1990).** São Paulo: Paulinas, 2012.

PACHAMAMA, Aline Rochedo. Autoria e ativismo de originários na escrita da história. In DORRICO, J.; DANNER, F.; DANNER, L. F. (Orgs.). **Literatura indígena brasileira contemporânea: autoria, autonomia, ativismo.** Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020.

PEREIRA, Alex Viana; SÁ, Alexandre Lira; ALVES, Thayla Leite. Quem são os/as escritores/as indígenas do Amazonas? In: PEREIRA, A. V. (org.). **Reescrevendo a terra à vista: a literatura de autoria indígena amazonense em destaque.** Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2022.

RAMA, Ángel. **Literatura, cultura e sociedade na América Latina.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

SICSÚ, Delma Pacheco. O encontro das águas da literatura indígena no Amazonas: entre a oralidade e a escrita. In: PEREIRA, A. V. (org.). **Reescrevendo a terra à vista: a literatura de autoria indígena amazonense em destaque.** Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2022.